



FLORESTAS · PT

---

# Porque chamaram “petróleo verde” à floresta portuguesa?

---

João M. A. Soares

07/05/2024



# A floresta ao serviço da humanidade

---



A floresta esteve associada, durante séculos, aos mistérios e ao medo do que estava “FORA” (forest, forêt, floresta...).

Só o Rei e os Nobres a usavam (até a caça era condicionada às gentes dos povoados vizinhos)...

# A floresta ao serviço da humanidade



APESAR da evolução do conhecimento e das sociedades TEREM DITADO grandes (e nem sempre progressivas) mudanças:

- A MADEIRA esteve sempre associada ao conceito de MATERIAL, nomeadamente de construção;
- As ramas e os arbustos satisfizeram, durante séculos, as necessidades em ENERGIA e com ela foi possível domar os metais e, com eles, construir embarcações de porte não artesanal;
- O domínio do vidro para melhoria da visão e a prensa de Gutenberg fizeram crescer de forma nunca vista a procura sistemática de LENHAS, depois do “esgotamento” dos mercados das palhas e trapos usados para o fabrico de papéis na Europa;
- O PAPEL torna-se o suporte sem fronteiras da transmissão dos Bens Culturais e da Ciência;
- A máquina a vapor, nas indústrias e nas ferrovias, induz um acréscimo de grandes fluxos de procura de matérias primas lenhosas e desencadeia irreversivelmente a viragem dos ECOSSISTEMAS em equilíbrio, para TECNOSSISTEMAS cada vez mais sofisticados, até aos tempos atuais.



# Da curiosidade para a utilidade

---



É perante esta procura avassaladora de madeira - e a permanente necessidade de continuar a contar com os espaços florestais para “esconder” exércitos e facilitar as manobras de defesa – que os governos e a Academia avançam, logo no Século XVIII (!), com o conceito de “Gestão Florestal Durável”:

“ALL WISE FOREST MANAGEMENT MUST HAVE WOODLANDS VALUED AND ENDEAVOUR TO UTILIZE THEM AS MUCH AS POSSIBLE, BUT IN SUCH A WAY THAT LATER GENERATIONS WILL BE ABLE TO DERRIVE AT LEAST AS MUCH BENEFIT FROM THEM AS THE PRESENT GENERATION CAN CLAIM FOR ITSELF”

*Georg Ludwig Harting (1786)*

*(Ou seja, a Sra. Gro Bruntland, no seu famoso Relatório, “Nosso Futuro Comum”, para a ONU, em 1983, não inventou nada de novo...).*

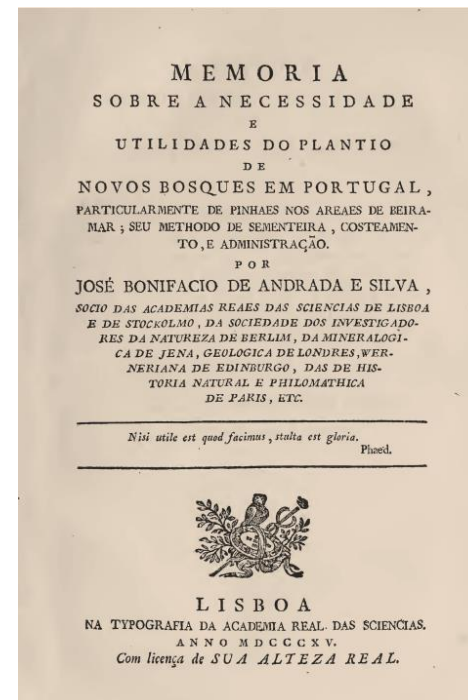
**VINGOU, ASSIM, A CIÊNCIA SILVÍCOLA**

# E por cá...



O Estado Novo soube preservar a indústria da cortiça (e com ela os sobreiros), deixando como obra “complementar” uns notáveis Serviços Florestais, uma eficaz protecção e fixação das dunas, uma preciosa obra de correcção torrencial e uma exemplar doutrina na luta contra a erosão.

*Parece que alguém terá lido e percebido o primeiro livro de Silvicultura escrito em Portugal (por José Bonifácio de Andrada e Silva, em 1815), e integrado solidamente nos anos 50 e seguintes do Séc XX, uma estratégia de fomento e expansão florestal, baseada nessa “árvore milagrosa”, o pinheiro-bravo, a pensar no futuro: pinhais com pastoreio e resinagem, madeiras para serração e construção, desbastes e jovens pinheiros para o fabrico de pasta e de papel, sub-produtos das serrações para o fabrico e exportação de painéis de madeira e, mais tarde, o fortalecimento e diversificação do mercado do mobiliário de madeira.*



# Uma “princesa rica” num país pobre

---



- Da “invenção” de um país densamente florestado (*fake news* atribuídas a um cronista romano)...
  - À construção naval baseada na exploração intensiva de quercíneas, em tudo o que era “área viva” (em contacto com a água) e no pinho para coberturas e mastros dos veleiros;
  - À disponibilidade, abundância e importação das madeiras do Império;
- Da conservação de sobreiros e azinheiras para a produção da bolota necessária à produção de carne suína (posteriormente salgada e transportada nas naus)...
  - À decorrente disponibilidade de cortiça, cuja indústria transformadora se especializou na fabricação de vedantes exportados para toda a Europa;
- Da diversidade e aptidão para o múltiplo aproveitamento silvo-industrial dos pinhais;
  - À “descoberta”, há mais de um século, do eucalipto como árvore decorativa, primeiro, e de superior qualidade mundial para o fabrico de papéis finos, depois.

# “Rainha” num contexto silvo-industrial virtuoso



- Uma floresta “social” – muitas vezes de verdadeiro nanofúndio - detida em larga maioria por entidades e pessoas particulares (baldios incluídos);
- Uma biodiversidade exemplar na Europa;
- Matérias primas abundantes, naturais, renováveis e recicláveis;
- Um mercado europeu próximo e mundial em expansão, sequeiros de produtos naturais de qualidade;
- Indústrias “tradicionais” já instaladas com *know-how*, presença e competitividade internacional.





O sonho florestal português  
foi plantado e deu frutos!





# A floresta portuguesa cresceu...



A evolução dos recursos florestais em Portugal (mil hectares)

	1875	1902	1928	1940	1956	1980	1995	2005	2015
Pinheiro-bravo	210	430	1000	1161	1288	1300	978	798	713
Sobreiro	200	366	560	690	637	650	747	731	720
Eucalipto	-	-	10	-	99	215	717	786	845
Outras espécies	230	1160	480	616	802	845	863	901	946
TOTAL	640	1956	2050	2467	2826	3010	3305	3216	3224

Fontes:

-1875 a 1989: "Dois Séculos de Floresta Portuguesa", Maria Carlos Radich e A. A. Monteiro Alves;

- 1995 a 2015: IFN6, ICNF, Lisboa

## ... e deixou descendência num séc. XX promissor

---



Mesmo um quadro económico e social difícil...

- A Guerra Colonial
- A Revolução de Abril
- As crises do petróleo de 1973/1974 e 1979
- As convulsões económicas e sociais internas
- A crise das divisas (*comércio externo de produtos florestais*)
- A absorção dos retornados (*importância do Pb*)

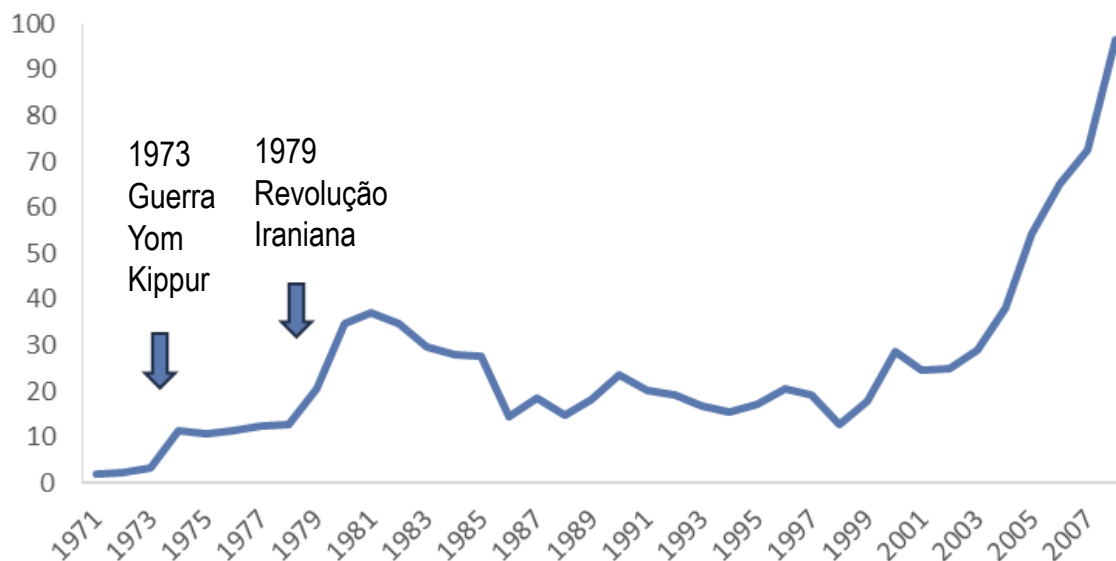
Não impediu a floresta de estar na base de quase todos os “grandes” grupos económicos da Democracia:

- Grupo Estado (*celuloses, papel kraft e painéis de fibras*)
- Grupo Amorim (*cortiça e prévios contactos a Leste*)
- Grupo SONAE (*painéis de partículas*)
- Sector exportador de madeira serrada bem organizado
- Serrações no interior fortemente envolvidas na construção civil

# Indicadores relevantes



## Evolução das cotação de petróleo bruto – Brent (dólares por barril)

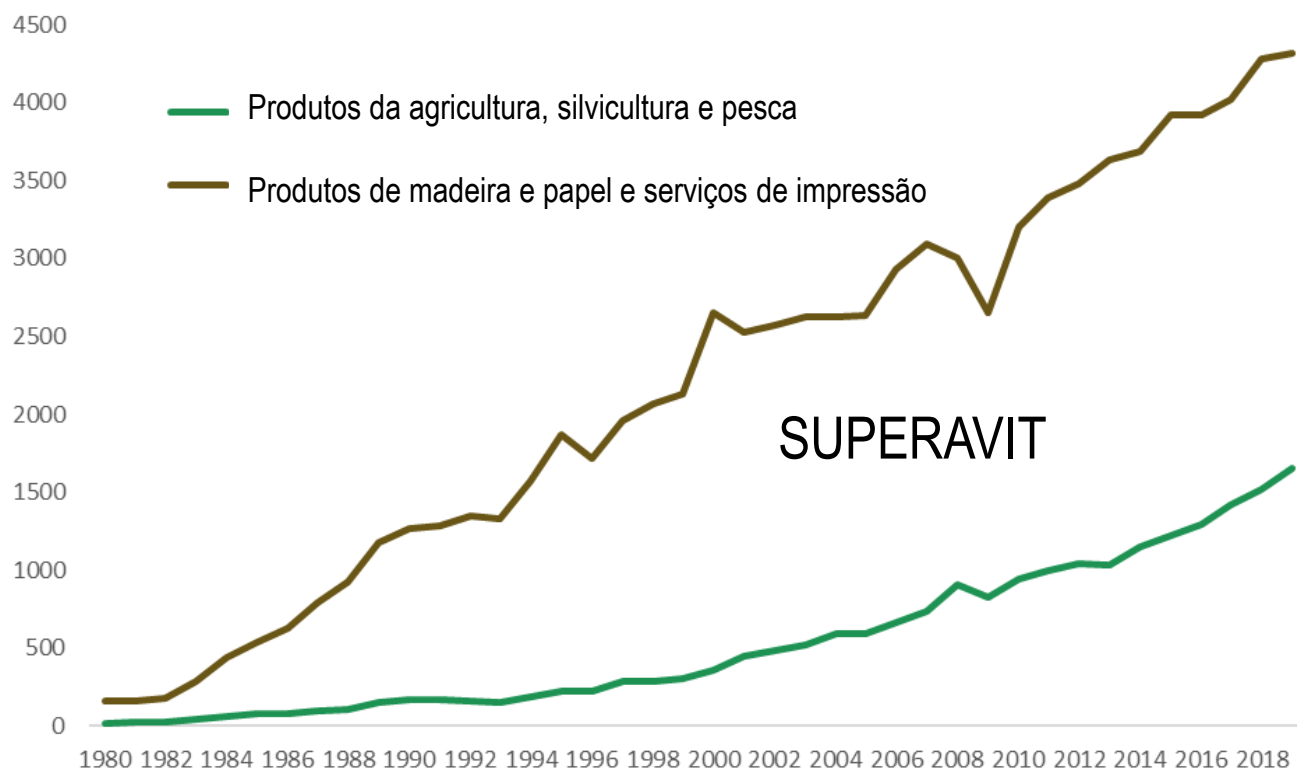


O preço do petróleo subiu de 3,2 USD/barril em 1974 para 11,5 USD/barril em 1975, o que equivaleria, a preços actuais, a um salto de cerca de 50 USD para 120 USD por barril em apenas 12 meses.

# Indicadores relevantes



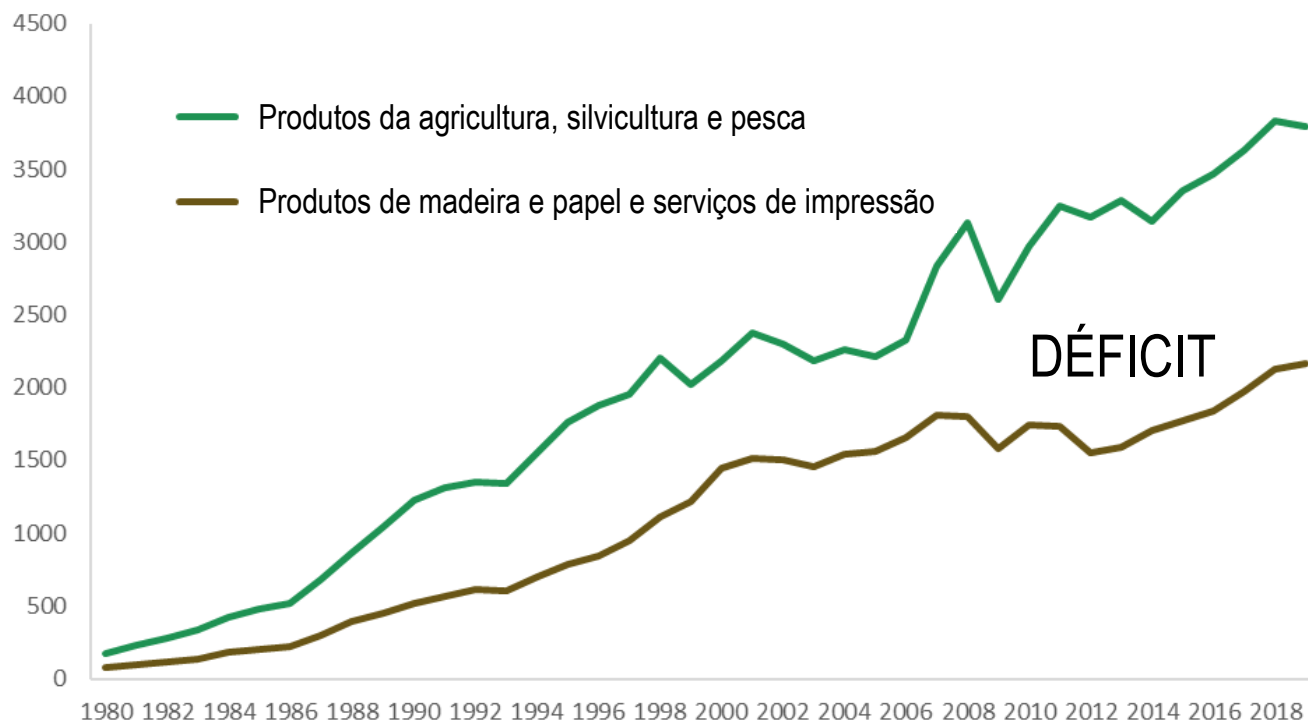
## Exportações de produtos florestais vs. sector agro-alimentar (milhões de euros)



# Indicadores relevantes



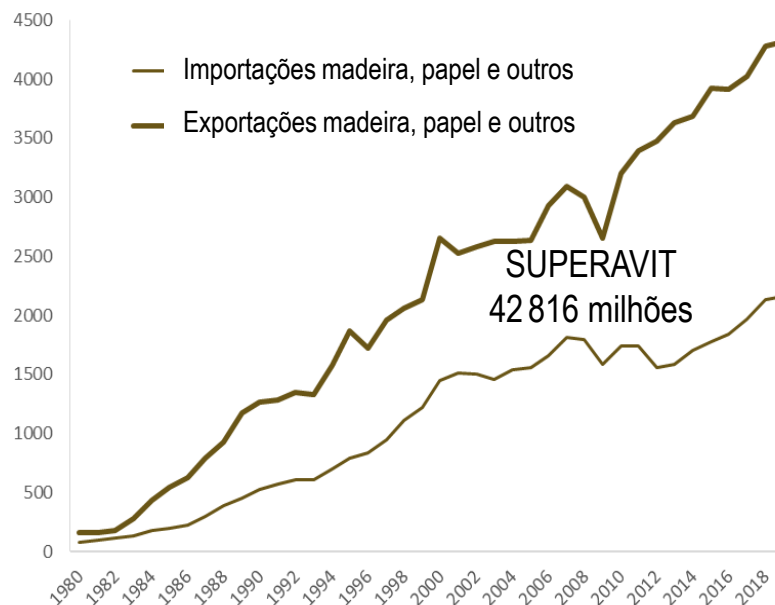
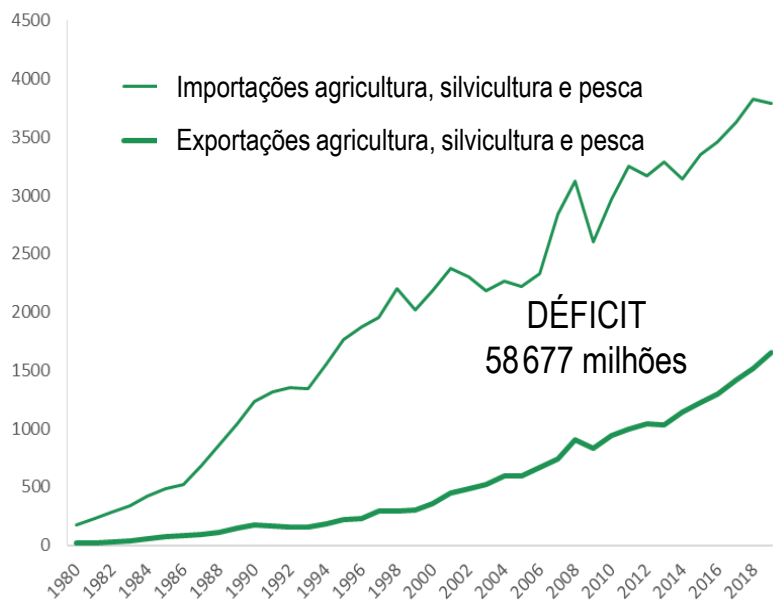
## Importações de produtos florestais vs. sector agro-alimentar (milhões de euros)



# Indicadores relevantes



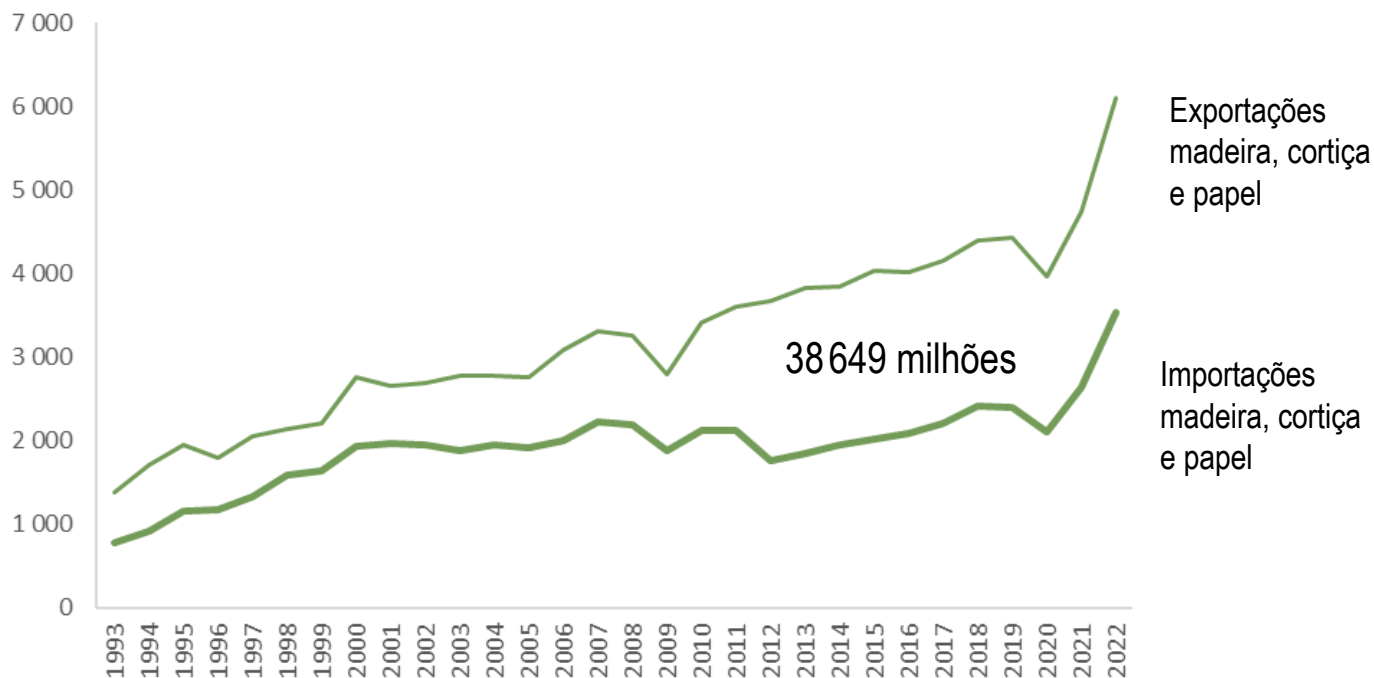
## Importância do saldo da balança comercial de produtos florestais (milhões de euros)



# Indicadores relevantes



## Saldo da balança comercial de produtos florestais (milhões de euros)



Desde 2010 que o saldo da balança supera os 2 mil milhões de euros anuais.

Fonte: PORDATA, Importações e Exportações de bens: total e por tipo

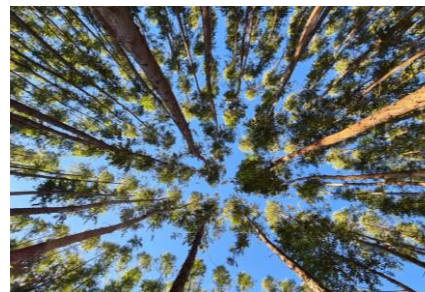
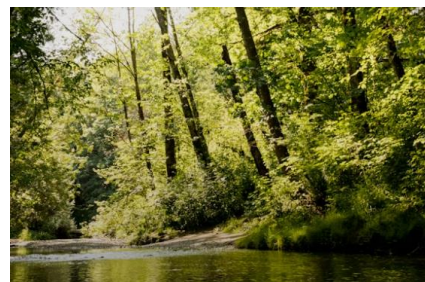
# Mas além do acréscimo de valor...

---



Infelizmente, cresceram também “infestantes” de consequências nefastas...

- O mito da “floresta virgem”.
- O mito da “floresta património colectivo”.
- O mito de que “cortar árvores é mutilar a natureza”.
- O mito (verdadeiro fito-racismo encapotado) de que as “espécies não indígenas são indesejáveis”.
- O mito de que “os serviços dos ecossistemas são novidade do Séc. XX”.
- O mito de que “as plantações florestais se destinam a servir as indústrias”.
- O mito de que os “ecologistas são especialistas em ecologia”.





# Mensagens a reter

---



- **A população mundial não pára de crescer** em número e consumo de matérias-primas básicas (e não só...);
- **É indispensável que o mundo – para além de alimentos – aumente a oferta de matérias-primas florestais**, sem destruir o que resta da biodiversidade;
- Mas há que fazê-lo nos locais em que exista esta viabilidade económica, com **respeito ambiental e aceitação social**.

## **E Portugal tem tudo isso!** Temos:

- Muitos terrenos incultos e / ou inaptos para uma agricultura rentável.
- Conhecimento académicos e experiência histórica no uso florestal desses solos.
- Indústrias florestais com tradição, *know-how* e mercado.
- Fileiras silvo-industriais capazes de participarem na criação de riqueza e valor acrescentado nacional.

# Nota biográfica

---



**João M. A. Soares**

Formado em Agronomia pelo ISA, João M. A. Soares começou, ainda em estudante, a trabalhar no sector florestal. Desempenhou várias funções em instituições públicas, incluindo a de Presidente do então Instituto de Produtos Florestais e a de Diretor Geral das Florestas.

Após 20 anos de serviço público, ingressou na Direção Florestal da Soporcel. Em 2013, foi convidado a chefiar a recém-criada Secretaria de Estado das Florestas do XV Governo e a lançar a Reforma Estrutural do Sector Florestal. Mais tarde constituiu a sua própria empresa de consultoria.

Durante este percurso, desenvolveu intensa atividade em organismos internacionais das Nações Unidas e Comissão Europeia. Foi ainda co-fundador da BCSD Portugal – *Business Council for Sustainable Development* e produziu dezenas de artigos, em grande parte reunidos no livro “Petróleo Verde: Floresta de Equívocos”.



FLORESTAS · PT

---

# Obrigado

---



O conteúdo da apresentação é da responsabilidade do autor